

CONSIDERAÇÕES SOBRE O FENÔMENO DA ERGATIVIDADE E DA MARCAÇÃO DE CASO DOS ARGUMENTOS NUCLEARES

Fábio Bonfim Duarte¹
UFMG/Poslin
fbonfim@terra.com.br
www.lettras.ufmg.br/fbonfim

0. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise do fenômeno da ergatividade na sintaxe de línguas naturais. De maneira geral, podemos afirmar com certa segurança que línguas ergativas diferem das línguas nominativas pelo fato de o sujeito do verbo transitivo receber o Caso² ergativo, enquanto, nas línguas nominativas, o sujeito do verbo transitivo e o sujeito do verbo intransitivo vêm marcados com o Caso nominativo. Esta é a situação, por exemplo, no japonês, em que os sujeitos de transitivos e de intransitivos recebem uniformemente a marca de Caso nominativo =*ga*, enquanto o objeto recebe a marca de Caso acusativo =*o*, conforme demonstram os dados a seguir:

- (1) *Hanako=ga* *kita.*
Hanako=NOM veio
'Hanako veio.'
- (2) *Hanako=ga* *Taro=o* *hihan-sita.*
Hanako=NOM Taro=ACC criticar-PASSADO
'Hanako criticou Taro.'

Outra característica importante, que pervaga as línguas nominativas, se refere ao fato de não haver cisões na marcação de Caso dos argumentos nucleares, como as que ocorrem em línguas ergativas. Por esta razão, a literatura técnica não costuma considerar a existência de línguas nominativas cindidas. Em suma, podemos concluir que a principal característica de uma língua nominativa, do ponto de vista da teoria de Caso, é o fato de os sujeitos de verbos transitivos e intransitivos receberem o mesmo Caso, mais precisamente o nominativo. Já os sistemas ergativos diferem dos sistemas nominativos pelo fato de o sujeito do verbo intransitivo e o objeto do verbo transitivo receberem o Caso absoluto, conforme mostram os exemplos da língua dyrbal, a seguir.

- DYIRBAL / PADRÃO ERGATIVO X ABSOLUTIVO
- (3) *numa* *banaga -nu*
father+ABS return – NONFUT
father (S) returned

¹ Professor Associado II da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq – Nível 2. E-mail para contato: fbonfim@terra.com.br. Página na internet: www.lettras.ufmg.br/fbonfim. Este trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento, intitulada *Ergatividade em Línguas Indígenas Brasileiras e suas consequências para a teoria de caso*, o qual integra um projeto maior, apoiado pelo CNPq (Processo 302674/2009-8). Parte da produção alcançada por este projeto pode ser acessada no portal www.lettras.ufmg.br/lali.

² No decorrer deste texto, referirei à categoria gramatical Caso com letra maiúscula para diferir de caso, substantivo comum.

- (4) *numa yabu-ngu bura-n*
father + ABS mother-ERG see-NONFUT
'Mother (A) saw father.' (O)

[Dixon, 1994]

Outra diferença, bastante relatada pela literatura, consiste no fato de a ergatividade não constituir um fenômeno único e previsível, como parece ser a situação nos sistemas nominativos. A intuição é a de que ergatividade não é um processo sintático uniforme, mas possivelmente relaciona-se a um epifenômeno mais geral, com peculiaridades de língua para língua.³ Neste sentido, podemos notar que a principal diferença entre uma língua ergativa e uma língua nominativa advém do fato de que o Caso ergativo nunca está disponível em línguas nominativas.

Tendo em conta essas observações iniciais, o objetivo deste texto é apresentar uma caracterização descritiva sobre as propriedades gramaticais que norteiam os sistemas de alinhamento ergativo. Busca-se apresentar uma definição do que seja o fenômeno da ergatividade, de modo a permitir que o leitor iniciante ao tema consiga entender como se dá o funcionamento dos sistemas de Caso em línguas ergativas. O artigo está organizado em quatro seções. Na seção 1, apresentam-se os principais expedientes gramaticais envolvidos na formação dos sistemas ergativos puros. Na seção 2, analiso os tipos de sistemas ergativos cindidos, tais como o ativo-estativo e o ergativo ativo. Na seção 3, investigo sistemas ergativos fluidos que permitem a emergência de sistemas de marcação diferencial de sujeito. Na seção 4, discuto o estatuto gramatical do Caso ergativo que aparece nos sistemas ergativos ativos e nos sistemas ergativos fluidos. A seção 5 conclui o artigo.

1. DISPOSITIVOS GRAMATICAIS UTILIZADOS NOS SISTEMAS ERGATIVOS

Consoante Dixon (1979, 1994), Comrie (1981), Whaley (1997), Bobaljik (1993) e Adger (2003), o surgimento de alinhamentos ergativos está diretamente relacionado com as relações gramaticais que são estabelecidas entre o verbo e seus argumentos nucleares. Essas relações expressam as funções sintáticas e semânticas assumidas pelos argumentos na oração. Para entendermos essas relações gramaticais, utilizo, no decorrer deste artigo, a terminologia, inicialmente proposta por Dixon (1979, 1994), conforme a qual o argumento que, em geral, corresponde ao agente de um verbo transitivo de ação será referido por meio do rótulo (A). Já o argumento que equivale ao paciente/afetado/tema do verbo transitivo receberá o rótulo (O). Por sua vez, o único argumento do verbo intransitivo será codificado pelo rótulo (S), podendo este rótulo ser subdividido em (S_a) e (S_o), dependendo se a língua precisa marcar a distinção que há entre um sujeito (S_a), que recebe papel theta AGENTE, e um sujeito (S_o), que recebe papel theta TEMA/PACIENTE/AFETADO. Adicionalmente, assumo, doravante, que os dispositivos gramaticais para indicar os sistemas de alinhamento ergativo variam de língua para língua, de modo que a ergatividade pode ser expressa por meio de, pelo menos, quatro estratégias:

³ Bobaljik (2006: 53), por exemplo, considera que sistemas ergativos constituem, na verdade, um epifenômeno em virtude de serem engatilhados por fatores diversos. Para o autor: "*ergativity may be no more a single syntactic phenomenon than is, say, verb-initialness (....)*."

- (i) pelo sistema de flexão de Caso nos NPs;
- (ii) por meio do uso de partículas ou adposições enclíticas ou proclíticas aos NPs;
- (iii) por meio do sistema de concordância de pessoa nos verbos;
- (iv) por meio da ordem dos constituintes nucleares, combinada com uma das estratégias citadas acima.

A indicação da ergatividade por meio do sistema de flexão de Caso nos NPs fica particularmente instanciada pelos dados da língua inuit abaixo. Notem que, nesta língua, sujeitos do verbo transitivo recebem o sufixo de Caso ergativo {-up}, enquanto o objeto e o sujeito do verbo intransitivo recebem a marca default {-Ø}. Notem que este é um sistema ergativo puro, no sentido de que o inuit não força uma distinção adicional entre os subtipos de sujeitos (S_a) e (S_o) de verbos intransitivos.

(5) *Jaani-up*_{C1} *natsiq-Ø*_{C2} *kapi-jaNa*
 Jaani-ERG foca-ABS apunhalar-TRANS
 ‘Jaani apunhalou uma foca.’

(6) *inuk-Ø*_{C2} *tikit-tuq*
 pessoa-ABS chegou
 ‘A pessoa chegou.’

(7) *ilinniaqtitsiji-Ø*_{C2} *uqaq-tuq*
 professor-ABS falou
 ‘O professor falou.’

Outro expediente pode se dar por meio do uso de partículas de Caso. Tal situação é a que ocorre, por exemplo, em tonga, língua ergativa pertencente ao subgrupo Polinésio da família austronésiana. Conforme Dixon (1994:41), nesta língua, o sujeito do verbo transitivo vem sempre marcado por meio da partícula de Caso ergativa [’e], que geralmente ocorre proclítica a esse sujeito. Por sua vez, o sujeito de verbo intransitivo vem precedido pela partícula de Caso absolutivo [’a]. Notem que, nos exemplos abaixo, o predicado, composto do verbo e de seu objeto, figura sistematicamente em posição inicial da sentença, visto ser esta uma língua que apresenta a ordem básica [VO]S em sentenças transitivas, conforme indicam os exemplos abaixo.

(8) *na’e* *lea* *’a* *Tolu*
 PAST speak ABS Tolu
 ‘Tolu spoke.’

(9) *na’e* *tāmate’i* *’a* *e* *talavou* *’e* *Tolu*
 PAST kill ABS DEF youth ERG tolu
 ‘Tolu killed the youth.’

Tendo em conta os exemplos arrolados acima, pode-se concluir que o dispositivo utilizado na língua tonga, para codificar a ergatividade morfológica, dá-se por meio de partículas de Caso, que ocorrem proclíticas ao sujeito e ao objeto. Adicionalmente, nota-se que o sujeito do verbo intransitivo inergativo, embora receba papel theta de agente, não recebe a partícula de Caso ergativo [’e], que precede o sujeito

agente do verbo transitivo em (9). Tal observação nos leva a concluir que esta língua não apresenta um sistema de Caso cindido como, por exemplo, ocorre em línguas ergativas ativas, como o basco, o hindi, o georgiano e o maxacali, visto que não há cisão na codificação dos sujeitos (S) de verbo intransitivo. Em suma, o sujeito agente do verbo intransitivo inergativo recebe uniformemente o Caso absolutivo, não emergindo, portanto, um sistema ergativo cindido.

Já línguas maya utilizam, como dispositivo para expressar o alinhamento ergativo, sistemas de marcas por meio da concordância de pessoa e número. Esta é, por exemplo, a situação gramatical que se dá na língua sacapultec maya (Du Bois 1987b: 205). Nesta língua, ocorre o sistema ergativo puro, já que sujeitos de verbos intransitivos (=inergativos/inacusativos) e o objeto de verbo transitivo acionam no verbo o mesmo afixo {*at-*}, enquanto o sujeito de transitivo engatilha o afixo {*ri-*}. Importante salientar que, nos exemplos a seguir, o prefixo {*at-*} possui como referente a segunda pessoa do singular, enquanto o prefixo {*ri-*} retoma a terceira pessoa singular. Comparem-se os dados abaixo:

- (10) *s-at-ak-ek*
 ASP-you-enter-INTR
 ‘You(sg.) entered.’
- (11) *s-at-ri-tʼiy-aŋ*
 ASP-you-he-hit-INTR
 ‘He/she hit you.’

Outro dispositivo gramatical, bastante relatado pela literatura técnica, refere-se à utilização da ordem sintática dos constituintes nucleares, como mecanismo gramatical para sinalizar se o alinhamento é ergativo-absolutivo ou nominativo-acusativo. Nestes sistemas, há uma tendência de que os argumentos (O) e (S) venham em determinadas posições sintáticas previsíveis, geralmente em posição oposta à posição sintática em que o sujeito (A) do verbo transitivo ocupa internamente à sentença. Este dispositivo pode ainda vir combinado com a marcação por meio da flexão de caso nos argumentos nucleares. Consoante Dixon (1994:49-50), para as línguas que indicam a função sintática dos argumentos nucleares por meio da ordem, há, pelos menos, dois subconjuntos tipológicos possíveis. No primeiro conjunto, o sujeito do verbo intransitivo (S) e o sujeito de verbo transitivo (A) podem vir em mesma posição sintática na oração, em geral, antes ou depois do verbo, emergindo, conseqüentemente, a seguinte combinação dos argumentos nucleares: [SV]/[AVO] ou [VS]/[OVA]. Conforme Dixon (ibid), a tendência é que essas línguas exibam um sistema de alinhamento nominativo-acusativo. O inglês constituiria, então, exemplo de língua que permite este tipo de alinhamento. No segundo conjunto de línguas, o sujeito de intransitivos e o objeto figuram em uma mesma posição sintática, emergindo então a seqüência linear [SV]/[OVA] ou [VS]/[AVO], favorecendo assim o surgimento do alinhamento ergativo-absolutivo. Tal situação gramatical vigora nas línguas makuxi e kuikuro, conforme mostram os dados a seguir.

LÍNGUA MAKUXI (Carib: Brasil)

- (12) S V
pemonkon-yami witi-'pi
man-P go-PST
“The men (S) went”.
- (13) O V A
tuna ekaranmapo-'pi uuri-ya
water ask.for-PST 1-ERG
“I (A) asked for water (O)”.

LÍNGUA KUIKURO (Carib: Brasil)

- (14) S V
ahuku xu ale-nixi
panela encher-PONT
“A panela encheu”.
- (15) O V A
ahuku xu ale-ne-nixi itão heke
panela encher-TR-PONT mulher ERG
“A mulher encheu a panela”

Observem que, nestes dados, o objeto (O) do verbo transitivo e o sujeito (S) de verbo intransitivo vêm sistematicamente antes do verbo, enquanto o sujeito (A) de verbos transitivos, o qual recebe o Caso ergativo, figura sempre em posição sintática oposta, mais precisamente após o verbo. Linguistas que estudaram essas línguas consideram que a combinação OVA equivale, em geral, à ordem não marcada⁴, de modo que a ordem AOV será mais marcada gramaticalmente, já que emerge somente quando se quer realçar propriedades informacionais do sujeito (A). Assim sendo, o deslocamento do sujeito (A) para a posição inicial nesses contextos atende a expedientes gramaticais, de modo a diferir constituintes já dados e conhecidos de constituintes que representam informação nova no discurso. Tal fato fica particularmente instanciado nos dados da língua pari, pertencente à família linguística nilótica ocidental, falada ao sul do Sudão. Nesta língua, os argumentos (S) e (O) recebem marca de Caso absolutivo default {zero}, enquanto o sujeito (A) recebe a sufixo de Caso ergativo {-i}. Contudo, este sufixo de Caso ergativo só aparece quando o sujeito (A) está em posição sintática posposta ao verbo, ordem [OV]A. Caso este argumento seja topicalizado para a periferia da sentença, o sufixo {-i} de Caso ergativo deve ser eliminado, sinalizando com isso que houve deslocamento do argumento (A) para o início da sentença. O fato crucial para

⁴ Sobre a propriedade dessas línguas, Dixon (1994:51) assume o seguinte:

‘In Kuikuro, a Carib language from Brazil, there is again ergative inflection on the noun and ergative cross-referencing on the verb. Here the neutral constituent order is SV and OVA although AOV is also possible: once more SV and OV are the basic units, with A having a degree of mobility (Franchetto 1990). A similar pattern is found in two other South American languages: Macushi, also from the Carib family (Abbott 1991), and Maxakali, from the Macro-Je stock (Harold Popovich, personal communication).’

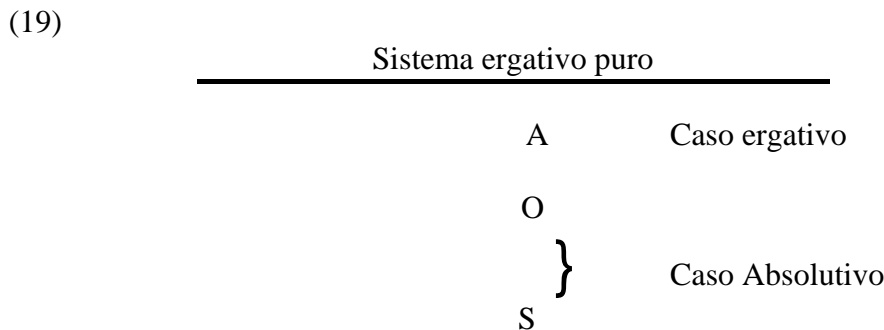
línguas que apresentam este tipo de alinhamento é que as combinações sintáticas [SV] e [OV] sempre se mantêm inalteradas, já que os argumentos (S) e (O) devem sempre estar em posição imediatamente adjacente ao verbo. No caso em tela, devem figurar antes do verbo. Comparem-se os exemplos da língua Pari abaixo.

(16) S V
ùbúr *á-tiulk`*
 Ubur COMPLETIVE-play
 ‘Ubur played.’

(17) O V A
jòobì *á-kèel* *ùburr-ǀ*
 buffalo COMPLETIVE-Shoot Ubur-ERG
 Ubur shot the buffalo

(18) A O V
ùbúr *jòobì* *á-kèel-é*
 Ubur buffalo COMPLETIVE-shoot-3SGA
 ‘Ubur shot the buffalo.’

Em suma, a conclusão a que o leitor chega, tendo em conta os dados arrolados até o momento, é que, nos sistemas de alinhamento ergativo puro, não há cisão na codificação dos argumentos (S). Assim sendo, o sistema ergativo puro apresenta sistematicamente o alinhamento morfossintático [A ≠ (S=O)], o qual pode ser esquematicamente delineado pela representação abaixo:



Na próxima seção, o objetivo é mostrar que os sistemas ergativos cindidos são motivados por questões puramente semânticas relacionadas às propriedades do predicado e de seus argumentos nucleares.

2. SISTEMAS ERGATIVOS CINDIDOS

Diferentemente do sistema ergativo puro, discutido na seção anterior, as línguas ergativas podem apresentar ainda um sistema cindido. Em geral, essas línguas são rotuladas de línguas ergativas ativas pela literatura técnica. A língua choctaw é um exemplo clássico deste padrão, já que apresenta cisão na codificação dos argumentos que ocupam a posição de sujeito de intransitivos. Nesta língua, o expediente gramatical utilizado para indicar tal padrão dá-se por meio de afixos pronominais que são

incorporados ao verbo⁵. Destarte, sujeitos (S_o) de verbos intransitivos inacusativos e objetos (O) de verbos transitivos acionam a mesma série de afixos, enquanto sujeitos (S_a) de intransitivos inergativos e sujeito (A) de verbos transitivos (A) acionam outra série. Tal situação é a que ocorre nos dados abaixo em que o afixo de primeira pessoa {-li} codifica (A) e (S_a), enquanto o afixo de primeira pessoa {sa-} codifica (S_o) e (O), resultando em um sistema de ergatividade cindida na codificação dos argumentos nucleares (S_a) e (S_o).

(20) chi-pisa-li-tok
2SG/ABS-SEE-1SG/ERG-PAST
'I saw you.'

(21) hilla-li-tok
dance-1SG/ERG-PAST
'I danced.'

(22) is-sa-pisa-tok
2SG/ERG-1SG/ABS-see-PAST
'You saw me.'

(23) sa-ttola-tok
1SG/ABS-see-PAST
'I fell.'

No Brasil, há muitas línguas que exibem padrão muito similar ao do choctaw, visto que a marcação dos sujeitos de verbos intransitivos dá-se por meio de afixos de natureza pronominal. Tal padrão ocorre muito frequentemente em línguas da família linguística Tupí-Guaraní, como é a situação da língua tentehar⁶. Nesta língua, o sistema cindido emerge, particularmente, nas orações principais, de sorte que os sujeitos (A) e (S_a) de predicados eventivos engatilham no verbo uma série de prefixos de concordância distinta da série que codifica o objeto (O) e o sujeito (S_o) de verbos estativos. Ademais, a propriedade gramatical que motiva essa cisão na codificação dos argumentos (S) está diretamente correlacionada com a distinção eventiva/ativa versus estativa do predicado verbal. Para visualizarmos tal sistema na língua tentehar, atente-se para os dados arrolados a seguir:

⁵ Jelinek (1989) assume que línguas que possuem argumentos pronominais exibem com mais frequência marcação de Caso não canônico (=exótico). Sobre esta questão, a autora assume o seguinte:

'By 'exotic' case I mean ergative, 'active' case (.....). Intransitive subjects may be marked differently from transitive ones, as in an ergative case system. Since intransitive clauses have only one argument, that argument is necessarily the Subject, and case may serve other functions. In Choctaw, there are some associations between case and semantic or θ-role, and case contrasts can be used to mark volitionality on the part of the subject (...).'

⁶ Remeto o leitor aos textos de Duarte (2009, 2010, 2012a, 2012b), em que se exploram, em detalhe, os mecanismos que regulam a ocorrência desse sistema na língua Tentehar.

VERBOS TRANSITIVOS

ORDEM VSO

- (24) \overline{w} -ekar teko wakari ita r-ehe
3-procurar a gente acari pedra OBLIQ-em
“A gente procura acari na pedra”.

ORDEM SVO

- (25) he-hí \overline{u} -m-ur maʔe r-oʔo-kwer ha-we
1-mãe 3-fazer-*vir* coisa POSS-carne-PASS 1-DAT
“Minha mãe deu carne para mim”.

VERBOS INTRANSITIVOS EVENTIVOS

- (26) \overline{w} -iko_i Purutu_i aʔe pe
3-estar Purutu lá em
“Purutu está/vive lá”

- (27) íwíra_i \overline{u} -mano
madeira 3-morrer
“A madeira morreu (=secou)”

- (28) aʔe \overline{u} -híd kwehe sibir díwír
ele 3-correr DPASS tibir beira
“Ele correu para a beira do igarapé tibir”.

VERBOS INTRANSITIVOS ESTATIVOS

- (29) \overline{he} -Ø-kən
Eu-ABS-ser forte
“Eu sou forte”.

Tema verbal da classe II

- (30) \overline{he} -r-upíhíd
eu ABS-estar com sono
“Eu estou com sono”.

- (31) \overline{he} -Ø-ma'enukwaw ne-r-ehe ihe pa
Eu-C-lembrar-se tu-C-POSP eu AP
‘Eu me lembrei de ti.’

Em suma, nota-se, a partir dos dados apurados acima, que a codificação do sujeito (S_a) do verbo intransitivo eventivo e do sujeito (S_o) de verbos estativos dá-se por meio de séries distintas de prefixos pessoais, o que sinaliza para a existência de um sistema ergativo cindido de codificação dos argumentos nucleares do tipo [(A=S_a) ≠ (S_o=O)].

Ao contrário do tentehar e do choctaw, há línguas ergativas que se utilizam de marcas flexionais de Caso nos NPs para sinalizar o sistema Caso cindido. De maneira

geral, essas línguas são tipologicamente classificadas como língua ergativas ativas⁷, por apresentarem uma marca de Caso ergativo nos NPs que ocupam a posição sintática de sujeito de verbos de ação, independentemente da valência do verbo, isto é, não importa se se trata de um verbo transitivo ou intransitivo. O fator crucial que regula o aparecimento do Caso ergativo nos sujeitos está relacionado à natureza semântica do verbo. Esta correlação fica bastante visível em línguas ergativas ativas como o basco, o maxacali e o georgiano em que verbos de ação, sejam eles transitivos ou intransitivos, marcam sistematicamente o sujeito agente com Caso ergativo. Nestas línguas há forte correlação biunívoca entre o papel theta de [AGENTE] e a atribuição do Caso ergativo. Comparem-se os exemplos a seguir.

BASCO

- (32) *Miren-ek atea ireki du*
 Miren-ERG porta-NOM abrir AUX
 ‘Miren abriu a porta.’

[Levin (1989:20)]

- (33) *Gizona-k kurritu du*
 homem-ERG correr AUX
 ‘O homem correu.’

[Levin (1983:33)]

GEORGIANO

- (34) *Vano-m gamozarda dzma*
 Vano-ERG levantar irmão
 ‘Vano levantou o irmão.’

- (35) *Bav šv-ma itira*
 criança-ERG gritar
 ‘A criança gritou.’

MAXACALI

- (36) *kakxop te kuxxamuk paha*
 menino ERG lambari pegar
 ‘O menino pegou o lambari’

- (37) *kakxop te tatxok*
 menino ERG banhar
 ‘O menino banha’

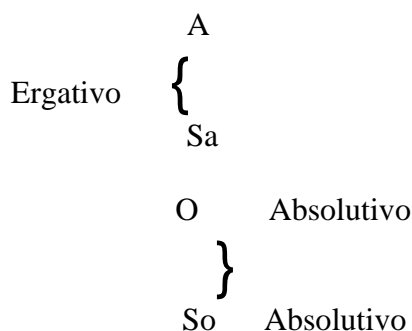
Em suma, os sistemas ergativos apresentados acima são cindidos, porque leva necessariamente a uma subdivisão entre (S_a) e (S_o), a qual tem forte conexão com o papel temático de agente que o argumento externo de verbos de ação recebe. Esta cisão pode ser delineada pela representação abaixo.

⁷ Em consonância com Woolford (1997:182), podemos assumir que as línguas ergativas ativas apresentam as seguintes propriedades:

‘in active-type ergative language, agentive intransitive subjects are marked with ergative Case while non-agentive intransitive subjects are marked nominative. The marking pattern in active languages is also sometimes referred to as a split-intransitive system.’

(38)

Sistema ergativo cindido



Na próxima seção, interessa mostrar que, além da marcação cindida do sujeito de predicados intransitivos, tal como foi mostrado acima, pode ocorrer ainda línguas ergativas que apresentam uma subdivisão na marcação do Caso dos argumentos (A) e (S_a). Veremos que esta fluidez na marcação dos argumentos está diretamente condicionada a fatores semântico-pragmáticos, tais como agentividade, controle, intencionalidade, volição, dentre outros ingredientes semânticos. Nessas línguas, observa-se que o Caso ergativo pode alternar com o Caso nominativo ou com o Caso dativo.

3. CISÃO NA REALIZAÇÃO DO CASO DOS ARGUMENTOS (A) E (S_a) EM SISTEMAS FLUIDOS

Além da cisão entre (S_a) e (S_o) descrita na seção anterior, a literatura tipológica relata contextos em que o Caso ergativo nos sujeitos (A) pode alternar com outros Casos para sinalizar diferenças nas propriedades semânticas dos sujeitos. Este fenômeno recebe o nome de marcação diferencial de sujeito. Na verdade, o que se observa é que, em línguas que acionam este sistema, a marcação por meio do Caso ergativo está diretamente associada à atribuição do papel temático de agente e à propriedade de controle e de volição dos NPs que são projetados na posição de argumentos externos de verbos transitivos e inergativos. Um bom exemplo de marcação diferencial de sujeito surge a partir dos dados da língua manipuri, língua tibetana, que é falada na região nordeste da Índia. Em conformidade com Dixon (1994:29), nesta língua ocorrem três sufixos de Caso nos NPs. Esses morfemas exibem a seguinte distribuição sintático-semântica:

- (i) {-nə} marca NPs agentivos ou causadores, tais como agentes humanos, forças naturais que, em geral, são vistos como controladores de certos processos e eventos;
- (ii) {-bu} figura em NPs afetados por uma ação;
- (iii) {-də ~ -ɲondə} marca algo indiretamente envolvido ou afetado na ação; cobre ainda os papéis temáticos de alvo, fonte, experienciador, paciente, beneficiário e locativo.

Note que, nos dados abaixo, o sufixo de Caso {-nə} é consistentemente utilizado em NPs que desempenham a função sintática de (Sa) ou de (A). Ou seja, a presença deste afixo está diretamente associada às propriedades semânticas de agentividade, controle e volição. Comparem-se os dados a seguir:

(39) əy-nə celli
Eu-ERG corer
'Eu corri'.

(40) əy-nə ma-bu phuy
Eu-ERG ele-OBLIQ bater
'Eu bati nele'.

(41) ma-nə ən-ηondə yeηηi
He-ERG me-OBLIQ olhar
'Ele olhou em mim'.

Entretanto, quando o sujeito é afetado ou não fica tão claro a sua força agentiva, como em predicados psicológicos, o sufixo {-nə} não vem marcando o sujeito. Em tais contextos, os sujeitos (S) e (A) devem receber marcação default {-∅}. Comparem-se os dados a seguir:

(42) əy sawwi
eu ficar com raiva
'Eu fiquei com raiva'.

(43) ma əy-bu uy
ele me-OBLIQ ver
'Ele me viu'.

A marcação diferencial de sujeito em manipuri fica particularmente instanciada nos contextos em que sujeitos de certos verbos transitivos de ação podem figurar ora com o sufixo de Caso {-nə} ora com o sufixo de Caso default {-∅}. A escolha de um ou de outro afixo dependerá se o NP sujeito (A) executa a atividade com intenção ou involuntariamente, conforme demonstram os exemplos abaixo com o verbo 'tocar':

(44) əy-nə Tombə-bu theηηi
eu-ERG Tomba-OBLIQ tocar
'Eu toquei em Toma intencionalmente'.

(45) əy Tombə-bu theηηi
eu Tomba-OBLIQ tocar
'Eu toquei em Toma involuntariamente/sem intenção'.

Consoante Dixon (1994:30), o sistema diferencial de Caso acima não opera para estabelecer distinções sintáticas entre (A), (S) e (O). Ao contrário, a marcação diferencial do sujeito nesta língua codifica a função semântica que o sujeito (A) desempenha no evento, ou seja, delimita se o sujeito (A) é um agente típico com

controle da ação executada ou se é um agente sem controle da ação.⁸ Línguas que operam com este sistema de cisão de (A) proliferam na literatura tipológica. Um dos casos mais notórios advém do sistema de marcação diferencial existente em urdu e em hindi. Estas línguas exibem alternância na marcação do sujeito (A), muito semelhante à que ocorre na língua manipuri, mas com a diferença de que não só sujeitos (A) de verbos transitivos como também sujeitos (S_a) de verbos inergativos podem receber uma marcação diferencial. Nos dados abaixo do hindi, o sujeito (A) pode vir ora marcado com o Caso ergativo ora com o Caso dativo. Notem que a presença do morfema de Caso ergativo [-ne] indica que o sujeito (A) efetuou a ação com desejo e intenção de ir ao zoológico. Já a ocorrência do morfema de Caso dativo [.ko] pressupõe que o sujeito precisa ir ao zoológico e, portanto, não tem total controle sobre a realização do evento. Comparem-se os dados a seguir.⁹

- (46) *nadya=ne zu ja-na he*
 Nadya.F.Sg=Erg zoo.M.Sg.Obl go-Inf.M.Sg be.Pres.3.Sg
 ‘Nadya wants to go to the zoo.’

(Butt, *et al*, 2004:2)

- (47) *nadya=ko zu ja-na he*
 Nadya.F.Sg=Dat zoo.M.Sg.Obl go-Inf.M.Sg be.Pres.3.Sg
 ‘Nadya has to go to the zoo.’

(Butt, *et al*, 2004:2)

Já no Urdu, o Caso do sujeito (S_a) de verbos intransitivos alterna entre o ergativo e o nominativo. Quando este argumento recebe o Caso ergativo, a interpretação apurada é a de que possui controle sobre a realização do evento, ao passo que, quando vem marcado com o nominativo, a interpretação de controle não é tão óbvia. Comparem-se os dados a seguir.

- (48) *ram kãś-a*
 Ram.M.SG.NOM cough-PERF.M.SG
 ‘Ram coughed.’

- (49) *ram=ne kãś-a*
 Ram.M.SG=ERG cough-PERF.M.SG
 ‘Ram coughed (purposefully).’

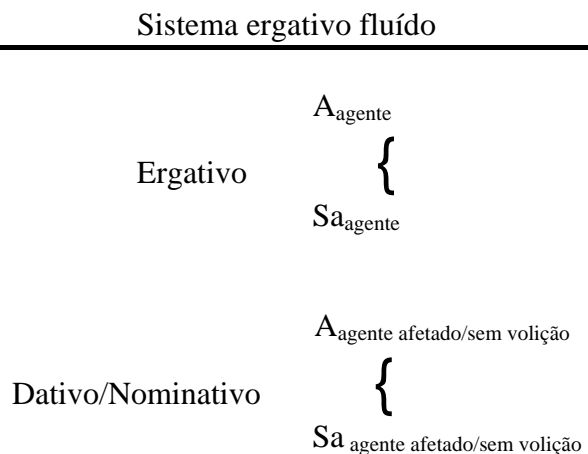
Em suma, os dados apurados até o momento nos permitem concluir que há línguas ergativas que operam com cisão dos argumentos (A) e (S_a). Esta cisão, por sua vez, está diretamente conectada com a relação biunívoca que há entre atribuição de

⁸ Sobre isto, Dixon (1994:30) propõe o seguinte: ‘*it can be seen that the suffix {-nə} is not marking any basic syntactic relation(s). Instead, it has a direct semantic basis, indicating an S or A argument that exercises control over an activity in that instance.*’

⁹ Remeto o leitor a tese de doutorado de Cabana (2015), em que há uma interessante análise sobre o mesmo tipo de marcação diferencial que há na língua ka’apor. Esta é uma língua da família tupi-guarani, falada por índios que vivem na reserva indígena Alto Turiaçu, no estado do Maranhão. Nesta língua, o sujeitos (A) e (S_a) podem vir marcado com o dativo ou com o nominativo, situação que dependerá se o sujeito mantém controle sobre a realização do evento ou não.

papel temático e realização de Caso no domínio do vP. Tal fato nos permite, por sua vez, postular que essas línguas operam com um sistema de marcação de Caso fluido, pois pode figurar ora o Caso ergativo ora o Caso dativo/nominativo no sujeito, conforme se vê pelo diagrama abaixo:

(50)



Na próxima seção, exploro o estatuto gramatical do Caso ergativo em línguas que apresentam cisão, tais como as línguas ergativas ativas e as línguas que exibem o sistema ergativo fluido. Para tal, anco-ro-me teoricamente em pressupostos da gramática gerativa.

4. CASO ERGATIVO EQUIVALE A CASO INERENTE?

A hipótese que vem sendo assumida por muitos linguistas, no âmbito da teoria de Caso, é a de que a Gramática Universal, doravante GU, disponibiliza dois tipos de Caso: o estrutural e o inerente, de modo que o inventário de Casos disponíveis na GU pode ser resumido da seguinte maneira:

(51) Casos estruturais

- (i) Nominativo: atribuído pelo núcleo Infl/T da sentença, o qual pode estar ou não associado à concordância de sujeito;
- (ii) Acusativo: atribuído pelo núcleo v^o e pode estar ou não associado à concordância de objeto.

(52) Casos inerentes

- (i) Ergativo: associado a agentes;
- (ii) Dativo: associado a agente sem controle, a agente afetado, a goals e a experienciadores.

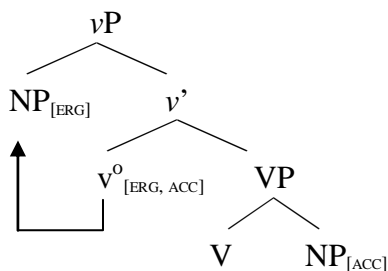
O mais importante da teoria acima é que Casos estruturais nunca estão associados a um papel temático específico como parece ser a situação dos Casos inerentes. Ao contrário, Casos estruturais podem associar-se a vários tipos de papel

temáticos, conforme é a situação do Caso nominativo dos NPs na posição de sujeito abaixo:

- (53) Ele_{NOM} quebrou o copo. [agente]
 (54) Ele_{NOM} quebrou a perna. [afetado]
 (55) Ele_{NOM} quebrou a cara. [experenciador]

Notem que todos os três sujeitos acima recebem Caso nominativo, apesar de possuírem papéis temáticos distintos. Todavia, conforme vimos nos sistemas ergativos das seções 2 e 3, os Casos inerentes (=ergativo e dativo) estão diretamente associados a determinadas interpretações semânticas, situação que explica a razão por que há o aparecimento de sistemas de marcação diferencial do sujeito nas línguas ergativas fluidas. Por esta razão, uma maneira de interpretarmos teoricamente a forte correlação que há entre o Caso ergativo e o papel temático [AGENTE] é assumirmos que essa conexão reflete, ao final das contas, o fato de os argumentos externos de verbos de ação terem Caso abstrato valorado inerentemente no momento da derivação sintática em que são introduzidos na posição de Spec-*vP*, conforme mostra o diagrama arbóreo a seguir.

(56)



Tendo em conta a proposta em (56) acima, ficamos em condições de explicar a razão por que os Casos ergativo e dativo podem ser estendidos a sujeitos (*S_a*) dos verbos intransitivos de ação (=inergativos), em línguas como hindi e o urdu. A principal razão advém do fato de que essas línguas precisam utilizar o inventário de Casos inerentes, que estão disponíveis na GU, para operar distinções semânticas que os sujeitos (*A*) e (*S_a*) engatilham internamente ao predicado.

Em suma, a minha proposta leva em conta que os Casos inerentes (=ergativo e dativo) dos argumentos (*A*) e (*S_a*) devem ser valorados no ponto da computação sintática em que os argumentos externos são inseridos na posição de Spec de *vP*. Note que esta proposta está em consonância com a ideia partilhada por vários estudiosos, como Dixon (1979, 1994), Laka (1993, 2000, 2006), Bobaljik (1993, 2006), Bittner e Hale (1996), Legate (2006, 2008), Woolford (1997, 2006), Aldridge (2004, 2008), dentre outros, segundo a qual o parâmetro que difere as línguas ergativas ativas das línguas nominativas tem a ver com o fato de o núcleo *v* de predicados transitivos entrar na derivação sintática com Caso inerente a atribuir ao argumento externo [= (*A*) ou (*S_a*)]. Por conseguinte, outra importante diferença entre uma língua ergativa e uma língua nominativa, em termos da derivação sintática, advém do fato de que o Caso ergativo nunca está disponível ao núcleo *v*^o das línguas nominativas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando por base os dados das línguas ergativas examinadas até aqui, ficamos em condições de propor que há pelo menos três subsistemas de alinhamento de Caso: o ergativo puro; o ergativo ativo e o ergativo fluido. Vimos ainda que a existência de sistemas ergativos cindidos e fluidos está conectada com o fato de os Casos ergativos e dativo constituírem exemplos de subtipos de Casos inerentes. Nesta linha de raciocínio, assumimos neste artigo que o ergativo cobre o papel temático de AGENTE com controle, enquanto o dativo associa-se ao papel temático de AGENTE afetado sem controle.

REFERÊNCIAS

- Abbott, M. 1991. Macushi, pp. 23-160 of Derbyshire and Pullum, 1991.
- Adger, David. *Core syntax*. Oxford: University Press, 2003
- Aldridge, E. *Ergativity and word order in Austronesian Languages*. Tese de doutorado, 2004.
- Aldridge, E. Generative approaches to ergativity. *Language and Linguistics Compass*. 2. P. 966-995, 2008.
- Bittner, M. & Hale, K. The structural determination of case and agreement. *Linguistic Inquiry*, v. 27, p. 1-68, 1996a.
- Bobaljik, J. D. On ergativity and ergative unergatives. In: *Papers on Case and Agreement II*, C. Phillips (Org.). Cambridge: MITWPL v. 19, MIT Press, p.45-88, 1993.
- Bobaljik, J. D. & Branigan, P. Eccentric Agreement and Multiple Case Checking In: Alana Johns, Diane Massam & Juvenal Ndayiragije (Orgs.). *Ergativity*. London: Springer, 2006.
- Comrie, Bernard. 1981. *Language universals and linguistic typology*. 2nd edition. Chicago: University of Chicago.
- Dixon, R. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- Dixon, R. Ergativity. *Language*, v. 55, p. 59-138, 1979.
- Du Bois, J. 1987b. Absolute zero: paradigm adaptivity in Sacapultec Maya, *Lingua*, 71.203-22.
- Duarte, Fábio Bonfim. Unaccusatives that do assign accusative. Artigo apresentado no Linguistic Association of Great Britain, setembro de 2012b, ms.
- Duarte, Fábio Bonfim. Tenetehára: a predicate fronting language. *Canadian Journal of Linguistics*, v. 57, n.3, 2012a
- Duarte, Fábio Bonfim & Barcelos-Silva, Isadora Maria. Natureza do caso ergativo e dativo em línguas Jê e suas consequências para a Teoria de Caso. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 18, p. 101-139, 2010.
- Duarte, Fábio Bonfim. Fonte de valoração do Caso ergativo e do Caso absoluto em línguas indígenas brasileiras. *Linguística*, v. 4, p. 111-135, 2009.
- Duarte, Fábio Bonfim. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehará. In: *Liames 4*, Campinas: Unicamp, p. 113-145, 2006a.
- Franchetto, B. 1990. Ergativity and nominativity in Kuikiro and other Carib languages, pp. 407-27 of Doris Payne, 1990.
- Jelinek, Eloise. 1989. The case split and pronominal arguments in Choctaw. In: *Configurationality*, Maracz and Muysken eds, Foris Publications.
- Laka, Itziar. Unaccusatives that assign accusative. In: C. Phillips & J. D. Bobaljik (Orgs.). *Papers on Case and agreement I*. Cambridge: MITWPL v. 19, MIT Press, 1993.

- Laka, Itziar. Thetablind Case: Burzio's Generalization and its image in the mirror. In: Eric J. Reuland (Org.). *Arguments and Case. Explaining Burzio's Generalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000, p. 103-129.
- Laka, Itziar. On the nature of case in Basque: structural or inherent?. In Hans Broekhuis, Norbert Corver, Jan Koster, Riny Huybregts and Ursula Kleinhenz (Orgs.). *Organizing Grammar: Linguistic Studies in Honor of Henk van Riemsdijk*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 374-382.
- Legate, J. A. Split Absolutive. In: Alana Johns, Diane Massam & Juvenal Ndayiragije (eds.) *Ergativity: Emerging Issues*. London: Springer, 2006, p. 143-172.
- Legate, J. A. Morphological and abstract case. *Linguistic Inquiry*, v. 39, p. 55-101, 2008.
- Levin, Beth. The Basque verbal inventory and configurationality. In: Marácz, László & Muysken, Pieter (Orgs.). *Configurationality: The typology of asymmetries*. Dordrecht: Foris, 1989, p. 39-62.
- Levin, B. & Massam, D. Surface Ergativity: Case/Theta relations reexamined. *Proceedings of NELS*, v.15, p. 286-301, 1986.
- Whaley, Lindsay. *Introduction to Typology – the unity and diversity of language*. London: Sage, 1997.
- Woolford, Ellen. Case Locality: Pure domains and object shift. *Lingua*, v. 117, p. 1591-1616, 2007.
- Woolford, Ellen. Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure. *Linguistic Inquiry*, v. 37, n. 1, p. 111-130, 2006.